VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

AGENOR MIRANDA ROCHA: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR E SACERDOTE DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS

Jorge Garcia Basso

A proposta deste texto busca relatar os caminhos percorridos pela pesquisa ao longo dos últimos dois anos. Inicialmente, descobri o personagem Agenor Miranda Rocha, como um educador e cânone das tradições religiosas de matriz africana Nagô-Kêtu, mencionado pelo sociólogo Reginaldo Prandi em seu livro: *Segredos guardados - orixás na alma brasileira* (2005). A descoberta me fez sair em busca de informações sobre esse professor, cheguei ao livro *Um Vento Sagrado – História de vida de um adivinho da tradição Nagô-Ketu brasileira* (1996), do professor Muniz Sodré, e do jornalista e músico Luiz Felipe de Lima. Um relato biográfico acrescido de um conjunto rico e diversificado de depoimentos de artistas, intelectuais, amigos e ex-alunos que com ele conviveram, sobretudo nas quatro últimas décadas de sua vida.

Na trajetória de vida desse o professor e sacerdote Agenor Miranda Rocha podemos analisar as circularidades de conhecimentos de matriz africana e sua dinâmica na sociedade e na cultura brasileira, bem como estudar a diversidade de práticas culturais e educativas entre grupos, etnias e gerações, o que faz desse personagem uma referência privilegiada para o estudo historiográfico da educação e da diversidade de práticas educativas e culturais.

Desde 2012, quando iniciei meu projeto de pesquisa, tive acesso a um conjunto diversificado de fontes documentais sobre Agenor Miranda Rocha mantidas na residência

onde o professor viveu de 1953 a 2004: os originais das suas obras publicadas, *As nações Kêtu: origens, ritos e crenças - os candomblés antigos do Rio de Janeiro* (2000); *Caminhos de Odu* (2009) - livro editado a partir de um manuscrito original de Agenor Miranda Rocha de 1928, sobre as tradições e conhecimentos de matriz africana e a prática da adivinhação na tradição afro-brasileira; *Oferenda* (1998) – poesia, que também teve uma edição espanhola, *Ofrenda – Como la flor que se oculta entre las hojas* (2001); e um manual sobre o ensino de Língua Portuguesa intitulado *Caderno de Português* (1998); um acervo fotográfico particular, jornais, objetos rituais, documentos pessoais, correspondências e sua biblioteca particular.

Dentro desse conjunto documental, destaco um documento muito significativo, que registra as lembranças do professor e sacerdote: Um relato escrito por Diógenes Rebouças Filho, *Pai Agenor* (1998), baseado em lembranças, depoimentos e escritos de e sobre Agenor Miranda Rocha, na festa de seus 90 anos.

Com base nesse documento, este texto busca a partir de recortes significativos dos registros de sua memória, apresentar um panorama da trajetória do professor e sacerdote, em dois universos socioculturais distintos: o "mundo negro" dos conhecimentos africanos, das tradições e oralidades das comunidades de terreiros de candomblé da Bahia e do Rio de Janeiro, onde ele foi aprendiz e mestre, e o "mundo branco" da educação escolarizada e da cultura letrada do tradicional Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1930 e 1960, período da sua atuação como docente.

AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E SUA FORMAÇÃO

Agenor Miranda Rocha nasceu em Luanda, Angola, no dia 8 de setembro de 1907. Homem branco, filho de pais portugueses, Antônio Rocha e Zulmira Miranda Rocha. Seu pai era funcionário diplomático em Angola e sua mãe atriz, cantora e fadista, festejada em revistas e jornais da época.

Uma história curiosa envolve o seu nascimento. Em 1906, sua mãe foi abordada por um homem numa feira-livre em Luanda, que a interpela e faz previsões sobre o seu futuro. Assim nos conta o próprio professor Agenor:

> Minha mãe encontra um negro na feira, em Luanda. Ele lhe diz que o menino que ela tinha na barriga nasceria de oito meses, com uma

> mancha vermelha na cabeça e nesse dia ele estaria por perto, porque sabia quando. Ela o deixaria dar-lhe o primeiro banho de sua vida? Indagou. Minha mãe nem se sabia grávida ainda, concordou para terminar aquela situação constrangedora que supunha ser causada pela insolação. Ela era branca, católica e portuguesa. Oito meses depois, no dia oito de setembro, às primeiras dores do parto, o negro angolano bate na porta e espera a criança para dar-lhe o primeiro banho de ervas só por ele conhecido. Assim foi feito, visto que, além de ser de oito meses, eu trazia na cabeça a mancha prevista. O angolano disse, então, que eu seria uma grande figura dentro da seita africana. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.14)

O africano que havia feito tais previsões tentou se aproximar dos pais do menino, mas essa possibilidade se inviabiliza quando a família Miranda Rocha, em 1912, transfere-se para a cidade de Salvador, na Bahia. Cercada por um rosário de igrejas e atravessada por uma heterogeneidade étnica próxima à da África, a capital baiana pareceu, aos olhos do casal, o lugar ideal para quem desejava prolongar no Brasil a experiência angolana.

O menino Agenor Miranda Rocha contava aí, com pouco menos de cinco anos de idade, e foi acometido de uma febre de origem desconhecida. O menino passa pelos melhores médicos de Salvador e os diagnósticos apontavam para o seu falecimento. Uma vizinha toma a iniciativa de ir à casa de **Eugênia Ana dos Santos - Mãe Aninha**, fundadora do terreiro Axé Opô Afonjá um dos mais tradicionais candomblés da Bahia, para consultá-la a respeito da saúde do menino. *Jogando os búzios, Aninha verificou que a doença da criança era uma astúcia do destino para Oxalá vir a ser "feito", isto é, a necessidade da iniciação do menino no culto à divindade responsável por sua cabeça. De volta, a vizinha relata ao casal as palavras da ialorixá*[1]. (SODRÉ, LIMA, 1996, p. 24) Os pais desesperados com a situação do menino consentiram na sua iniciação. O Professor Agenor menciona dessa forma os acontecimentos:

> Nasci em 1907 e fui iniciado em 1912, portanto tinha só 5 anos quando acompanhava mãe Aninha, uma senhora imponente e natural, e o povo falava: "Lá vai Aninha com seu santinho". O apelido de "seu santinho" pegou para desagrado meu. Pulquéria foi quem confirmou o jogo que mãe Aninha fez para ver meu orixá. Quando mãe Aninha viu o que o jogo revelava, não quis assumir a responsabilidade sozinha e mandou chamar Pulquéria, para confirmar aquele Oxalá, de qualidade tão rara, que via como dono da minha cabeça. E, por outro lado, a missão que eu trazia de vir a ser muito conhecido na seita africana. Pulquéria, que residia também na Ladeira da Praça, num sobrado fronteiriço ao que

[1] **Ialorixá** – Zeladora dos orixás de uma casa de candomblé, também conhecida como mãe-de-santo.

> morava mãe Aninha, confirmou tudo o que fora visto por ela. Fui recolhido à *camarinha*[2], doente, desenganado e em estado de coma. No dia do nome, Oxalá me possui e o menino semimorto grita seu *orunkó*[3] em pé, no meio do salão. Depois disso, a doença, nunca explicada pelos médicos, desaparece, e eu estou vivo, com 90 anos, contando tudo isso. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.13)

Mãe Aninha, ganha com isso a gratidão e a confiança da família do menino, tornando-se sua mãe-de-santo e orientadora que inicia o jovem nos ensinamentos, tradições, ritos e práticas do candomblé, desde a infância até a mocidade, quando ele se transfere para o Rio de Janeiro a fim de estudar medicina. Seus pais retornam a Portugal em 1926, Agenor e um irmão mais velho permanecem no Brasil, morando na capital da república.

Sobre suas lembranças da Bahia de sua infância, Agenor Miranda Rocha destaca suas amizades de toda uma vida, o casario antigo colonial, as ruas centrais, o Pelourinho e outros bairros, as festas populares e os candomblés. *Lembro-me quando eu estudava na nossa casa de quintal grande, no bairro da Graça. Com o livro na mão, suspendia os olhos e ficava ouvindo minha mãe, Zulmira Miranda estudando canto*. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.33). *Lembro-me perfeitamente de minha escola em Salvador, onde tive um professor magnífico de português que muito me ensinou, chamado Agenor Costa; até hoje conservo o dicionário de sinônimos feito por ele. As aulas eram de manhã, numa escola no Rio Vermelho e depois nos Barris.* (ROCHA apud FILHO, 1998, p.13)

Em quase um século de vida, Professor Agenor conviveu com famosas personalidades do candomblé baiano, como **Cipriano Abedé** (falecido em 1933), *considerado na África um dos maiores conhecedores dos segredos de Ossãe, me ensinou tudo que eu sei deste orixá*. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.31) **Martiniano Eliseu do Bonfim (1859-1943)** *era grande conhecedor de Ifá. Ele era muito amigo de mãe Aninha e eu sempre ia a casa dele, onde morava com sua esposa, D. Matilde, para receber seus ensinamentos sobre o culto de Ifá.* (ROCHA apud FILHO, 1998, p.73) **Procópio Xavier de Souza – Procópio de Ogunjá** *este eu conheço muito. De vez em quando eu ia conversar com ele na sua quitanda sobre os últimos barcos recolhidos nas casas e sobre*

[2] **Camarinha** – Quarto estritamente fechado onde ficam recolhidos os noviços durante cerca de 17 dias da iniciação.

[3] **Orunkó** – Novo nome que o iniciado recebe e revela inspirado pelo orixá, durante uma cerimônia no "dia do nome" e com o qual passará a ser designado pela comunidade.

sua última estrepolia com a polícia, porque foi um dos mais perseguidos. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.72, 73) **Felizberto Sowzer**, **Maria Pulquéria da Conceição Nazareth** - Pulquéria de Oxóssi, Ialorixá fundadora do terreiro do Gantois, mulher carismática e respeitada que abriu as portas do terreiro para pesquisas a intelectuais como Arthur Ramos, Edson Carneiro, Ruth Landes, Donald Pierson, Roger Bastide e Pierre Verger nas décadas de 1930 e 1940, tia carnal de **Menininha do Gantois, a Escolástica Maria de Nazaré (1894-1986)**, de quem Agenor Miranda Rocha foi amigo e oluô. Sua iniciação no sistema do jogo de búzios, cujo corpo oracular, constituído dos Odus[4], cada um com seus caminhos, ebós[5], mitos e significados, foi aprendido com Eugênia Ana dos Santos - Mãe Aninha e Martiniano Eliseu do Bonfim. Conforme assinala Agenor Miranda Rocha, *o antropólogo Donald Pearson a considerava uma das pessoas mais inteligentes com quem ele havia privado. Era também muito culta nos assuntos da seita e falava ioruba correntemente*. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.79)

Em suas reminiscências todo um cenário da Bahia das duas primeiras décadas do século XX, é rememorado. Muitos desses lugares e personagens se imortalizaram na obra do escritor *Jorge Amado*, que contribuiu decisivamente com seus romances para a defesa e a divulgação do candomblé. Ao lado dele se destacaram o fotógrafo e etnógrafo *Pierre Verger* e o artista plástico *Caribé*, todos reconheciam na figura do Professor Agenor Miranda Rocha, uma referência da memória e dos conhecimentos e tradições afro-brasileiras. A familiaridade dos três com os conhecimentos e tradições das comunidades de candomblé foi de grande valia na construção de suas obras literárias, artísticas e científicas.

AS LEMBRANÇAS DO ITINERÁRIO DO PROFESSOR E SACERDOTE

Agenor Miranda Rocha, na década de 1920, radicou-se na cidade do Rio de Janeiro para estudar medicina, estudou piano e se interessou pelo canto lírico, teve aulas com Elena Teodorini, tornando-se amigo de Bidu Saião. *No início riam muito de mim porque eu tinha ora linguajar português ora baiano. As disciplinas eram Anatomia,*

[4] **Odu** – caminho espiritual que é determinado pelo jogo do ifá ou de búzios. É o nome que designa os 256 odus/signos de ifá; estes odus são interpretados a partir de um conjunto de histórias e lendas antigas que formam uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos tradicionais do povo ioruba. Toda pessoa nasce ligada a um desses 256 odus e é ele que define sua identidade profunda, revela seu orixá particular, serve-lhe de guia.

[5] **Ebós** – sacrifícios e obrigações que os adeptos fazem para agradar os orixás e conseguir suas graças.

História Natural, Medicina Legal e aulas práticas no laboratório, onde aprendíamos fórmulas para aviar remédios. (ROCHA apud FILHO, 1998, p.36) Abandonou o curso de medicina no terceiro ano, e passou a concentrar suas atenções no estudo de línguas e literatura, tendo em vista o concurso para Professor do Colégio Pedro II. O próprio Professor descreve estes acontecimentos:

> Quando, eu quis abandonar o curso de Medicina, consultei os orixás e eles me responderam que eu daria um bom médico, mas um ótimo professor. Tranquei a matrícula na Faculdade de Medicina e fui fazer concurso no Colégio Pedro II. Meus pais sempre me deram muita liberdade e não interferiram na minha decisão. Estudei Português com dois professores muito bons: **Alfredo Gomes**, catedrático da **Escola Normal** e **Dalton Santos**, catedrático do **Colégio Militar** e do **Hemetério dos Santos**. (ROCHA apud FILHO, 1998, p. 3. Grifos meus)

Nos anos 1930, iniciou sua carreira docente no tradicional Colégio Pedro II, que se desdobrou por mais de três décadas de atuação. Assim o professor descreve o Rio de Janeiro na época de sua chegada:

> O ambiente cultural no Rio daquela época era muito bom. Eu tinha diversos amigos, além dos **professores do D. Pedro II**. Tinha amizade com **Cecília Meireles**, com **Leonor Posada**, muitos **músicos e escritores**, como **Coelho Neto** e **Alberto de Oliveira**. **Fazíamos ótimos saraus na minha casa, quando lia-se poesia e tocava-se piano**. Assistia a muitas peças, companhia de revistas com **Aracy Cortes**, recitais e óperas no Teatro Municipal. (ROCHA apud FILHO, 1998, p. 54. Grifos meus)

Além das relações derivadas das atividades de Agenor Miranda Rocha como professor, estudante de música e canto lírico, se somariam com o passar dos anos, as relações advindas da sua atuação como sacerdote. O professor já no exercício de seu sacerdócio era procurado por muitas pessoas para orientações por meio do oráculo dos búzios, ou sobre o trato e o conhecimento ritual do uso das folhas. Conforme assinala o pesquisador Reginaldo Prandi:

> O Professor, como o oluô era chamado pelo povo-de-santo[6], morava num sobrado geminado duma vila do bairro carioca do Engenho Novo, e sua casa estava sempre cheia de gente à procura de conselhos e orientação. Eram mães, pais e filhos do candomblé e da umbanda, devotos, amigos e clientes**, pessoas simples, intelectuais e artistas, ricos e pobres**, gente de todo feitio que ia a casa dele como quem vai a um local sagrado de peregrinação, para conversar com ele ou

[6] **Povo-de-santo** – Frequentadores e adeptos do candomblé e dos cultos afro-brasileiros.

> simplesmente para beijar-lhe a mão e pedir a benção. **Foi personagem importante de quase um século da história do candomblé**. (2005, p.7, 8, grifos meus)

O título de Professor foi assimilado por todos de sua convivência, para além de suas relações ligadas à sua atividade como docente. Em suas lembranças destacam-se a sua longa atuação como professor de Língua e Literatura Portuguesa no ensino secundário, e a sua atuação como oluô e mestre do povo-de-santo.

Ainda no final da década de 1990, o professor Agenor Miranda Rocha foi convidado como decano das tradições africanas no Brasil a participar, com seus comentários, em dois documentários: *Pierre Verger: Um mensageiro entre dois mundos*, lançado em 1998, sobre a vida e a obra do fotógrafo e etnógrafo francês Pierre Verger, narrado e apresentado por Gilberto Gil e dirigido por Lula Buarque de Holanda, onde o professor aborda as influências dos conhecimentos e tradições afro-brasileiras no âmbito da cultura nacional; *O Povo Brasileiro*, lançado em 2000, baseado na obra *O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil* (1995) do antropólogo Darcy Ribeiro, suas considerações abordam a influência da cultura negra na formação social e cultural brasileira e na própria língua portuguesa falada no Brasil.

As informações biográficas acima ressaltadas buscam destacar a importância do Professor Agenor Miranda Rocha, como personagem significativo das tradições afro-brasileiras, sobre o qual, inexiste qualquer publicação ou estudo acadêmico no campo da história da educação.

A reconstituição do itinerário desse professor se justifica pelas possibilidades que apresenta para o estudo das circularidades culturais que integram a formação da sociedade e da cultura brasileira, na investigação dos lugares e redes de sociabilidades percorridas por esse sujeito. O que o torna uma referência privilegiada para o estudo historiográfico das práticas sociais de aprendizagem, das relações de poder, da oralidade, da manutenção e do dinamismo das tradições e conhecimentos desse mundo "negro-nagô", do qual o *Professor Agenor* foi personagem importante por quase um século, como aprendiz e mestre, assim como, o "mundo branco" do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, da educação escolarizada, da cultura letrada, da música erudita e do canto lírico, elementos que se misturaram na experiência desse sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recortes feitos no documento visaram focalizar aspectos representativos da trajetória de Agenor Miranda Rocha, buscando apresentar uma visão panorâmica de sua experiência de vida, desde sua infância até seu longo itinerário como professor e mestre/oluô e olossãe das tradições religiosas afro-brasileiras. Suas reminiscências do passado nos remetem a lugares, pessoas e instituições que o envolveram. As lembranças destacadas levantam informações variadas sobre pessoas de suas relações, das comunidades de candomblé, e de instituições escolares, mas não só isso. O panorama da sua trajetória nos diz muito sobre as relações sociais estabelecidas, as contradições daquelas estruturas sociais, as trocas culturais constantes que ocorriam no cotidiano dos mais variados sujeitos. O elemento particular, específico e individual é um ponto de partida, e a partir dele é possível perceber significados à luz do contexto.

O tempo passado torna-se um tempo passível de recuperação, pelo historiador, por meio da narrativa memorialista, como um lugar de memória. Neste sentido, a narrativa memorialista, como *lugar refúgio* da memória, em suas dimensões *material, simbólica e funcional*, não nos remete somente ao fato lembrado e narrado, mas cria a possibilidade de deslocamento no tempo e no espaço, interconectando palavras e representações, correlacionando sentidos; abrindo perspectiva de acesso ao estudo do passado, bem como à significação do lembrado, se um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, o acontecimento lembrado não tem limites, se apresenta como uma chave para significar o antes e o depois. (RICOEUR, 2007, p.416)

As reminiscências do Professor Agenor Miranda Rocha, em meu percurso de pesquisa se revelaram como *indícios* e *sinais* valiosos que foram sendo perseguidos como o *fio de Ariana que guia o investigador no labirinto documental.* (GINZBURG, 1989, p.174).

É preciso persistir ainda um pouco mais nesse labirinto, em busca de significados e conexões. O grande desafio desse tipo de análise é sair da perspectiva microscópica e chegar ao macro, à sociedade mais ampla, descrever o espaço social de cada indivíduo sem perder de vista as estruturas sociais mais complexas em que esse indivíduo se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Diógenes Rebouças. Pai Agenor. Salvador: Corrupio, 1998.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. (Org). *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Agenor Miranda. Oferendas. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1998.

_____. *Ofrenda – Como la flor que se oculta entre las hojas*. Espanha: Algoran Poesia, 2001.

_____. *As nações kêtu: origens, ritos e crenças - os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

_____. (org.) *Caminhos de Odu: os odus do jogo de búzios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensinamentos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e por ele mesmo revistos em 1998*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SODRÉ, Muniz. LIMA, Luis Felipe de. *Um vento sagrado: história de vida de um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.